



Ensaio

Viriato Soromenho-Marques

Os jogos da culpa

O relatório do FMI sobre a experiência do «ajustamento» grego marca mais uma etapa na perda de credibilidade das políticas de austeridade que estão a conduzir a Zona Euro a um beco sem saída. A violenta reação da Comissão Europeia contra o FMI, através do comissário Olli Rehn, e o encolher de ombros do presidente do BCE, mostram que o apontar do dedo pelas responsabilidades da catástrofe em curso ainda mal começou. Mas o mais grave é aquilo que o relatório não diz, mas sugere

O CONTEÚDO MANIFESTO O que a letra do relatório diz é importante. Desde logo, o FMI aprendeu que é diferente intervir num país com soberania monetária, ou num país membro de uma união monetária, como é o caso dos quatro países europeus resgatados. Mais ainda, o FMI não bate palmas aos resultados na Grécia: o sistema bancário perdeu 30% dos depósitos e segue no fio da navalha, a recessão e o desemprego excederam o esperado, a dívida pública disparou, a competitividade não aumentou em linha com as brutais reduções salariais. O relatório salienta ainda a dificuldade de trabalhar com o BCE e a Comissão Europeia (CE). Na situação de referência, foram usados dados estatísticos demasiado otimistas, que ajudaram a subestimar os resultados negativos obtidos. Várias dúvidas pairam no ar. Porque foi decidido apoiar tão tarde a Grécia (a chanceler Merkel pode ajudar na resposta)? Porque se demorou tanto tempo a envolver o FMI? Porque se atrasou tanto a reestruturação da dívida grega, apesar de se saber não haver outro caminho?

O CONTEÚDO LATENTE A autocrítica do FMI não o desresponsabiliza, da mesma forma que admitir o crime não transforma em inocente aquele que o cometeu. Contudo, o FMI abriu a porta para a necessidade de investigar o que se passa dentro do processo de decisão da CE e do BCE. Num brutal contraste com a exigência de mais transparência, exigida pelo FMI, a primeira instância do Tribunal Europeu de Justiça deu provimento a um pedido de mais opacidade por parte do BCE. Com efeito, o grupo mediático Bloomberg tinha pedido acesso, em nome da liberdade de informação, aos ficheiros do caso grego para confirmar a suspeita de



*Os planos de resgate
são eles próprios já uma
reestruturação da dívida,
mas feita do lado
dos grandes credores
bancários europeus*

que, desde há muito, a cúpula do BCE tinha conhecimento de que a Grécia falsificava a sua contabilidade nacional. Por que razão só em 2009, após as revelações de Papandreou, isso se transformou no rastilho para a presente crise europeia?

A resposta foi tentada por Simon Johnson, que foi economista-chefe do FMI, nos anos críticos de 2007/8. Ele sugere, num texto recentemente publicado, que a chave da política de resgates na Zona Euro tem uma relação direta com o modo como grandes bancos, muito mais frágeis e descapitalizados do que aparentam, que ele identifica pelos nomes (Deutsche Bank, BNP, Paribas, Crédit Agricole), manipularam os gover-

nos de Paris e Berlim em defesa dos seus interesses diretos. Numa primeira fase, esses bancos foram cúmplices do governo de Atenas, pois lucravam com a avalanche de crédito que jorrava para a Grécia, assim como para a Irlanda, Portugal e Espanha. Depois, foram tomados pelo pânico, exigindo pacotes de resgate em nome do risco sistémico (para garantirem os seus empréstimos...). Foram também eles que atrasaram a reestruturação da dívida grega até terem salvaguardado a sua pele.

O que é assustador, para Portugal, é que o caso grego talvez signifique que estamos todos a viver numa fantasia quando falamos de «reestruturação da dívida». Na verdade, os planos de resgate são eles próprios já uma reestruturação da dívida, mas feita do lado dos grandes credores bancários europeus. No fundo, eles não acreditam que sejamos capazes de pagar as nossas dívidas, por isso recorrem aos contribuintes europeus (fundos de resgate), ao sofrimento de juros insustentáveis, e aos salvados das privatizações para ganharem o máximo que puderem. O que vai acontecer aos povos e aos países «resgatados», no período «pós-troika», já não é da sua conta. ▀